

DO MANEIRISMO AO BARROCO

Maria Fernanda de Abreu*

Nunca estiveram de “costas voltadas”. Os Artistas. Alguém criou o tópico, a metáfora era sonante e vistosa e ficou. E repete-se incansavelmente. Continua a dar jeito, fazem-se títulos chamativos com ela. Mas não, nunca estiveram de costas voltadas os escritores da península ibérica. Nem os que escreveram em português descuraram os que escreviam em castelhano. Jorge de Sena foi um dos que, no nosso tempo, mais o proclamou. Não se cansou de dizê-lo, de lê-los e de traduzi-los.

“Do Maneirismo ao Barroco”. O poema está datado de 30/12/1972. Jorge de Sena é, por então, director da Cátedra de Estudos Portugueses da universidade de Santa Bárbara, nos Estados Unidos da América. Já se sabe, mas faço questão de o relembrar para dizer que, já nos anos 80, Avallé-Arce, o basco-espanhol que com ele ali conviveu, mo evocava, saudoso.

Desse mesmo ano são outros poemas de Sena viajante literário por terras de Castela e de Andaluzia. “Caminho de Ávila”, em Agosto, inventa um diálogo entre Teresa e Juan; em Madrid, em Setembro, anda a perguntar “pela de Garcilaso tumba e terra”, misturando as duas línguas; em Dezembro, escreve “memória de Granada” e a voz de Federico, e visita o lugar onde “cresceu Católica Isabel” e morreu Frei Luís de León. Em Janeiro do ano seguinte, voltará a datar vários poemas em Madrid e, entre eles, precisamente o que lhe dá o título ao conjunto: “Conheço o sal”.

Entre uns e outros, este “Do Maneirismo ao Barroco”. Muito me tem feito pensar este título. Mais de historiador da literatura que de poeta, dir-se-ia num primeiro, e superficial, momento. Leio o poema e retenho, sobre todos, este verso que nunca esquecerei: “Todos haviam lido o livro errado.”

Todos. Que leitores são estes que “havam lido o livro errado”? (E ao escrever isto dou-me eu agora conta de que “havam lido” não é o mesmo

que “leram”.) Quixote Sancho, Fausto Mefistófeles, Hamlet Horácio, “Don Juan Catalinón Tenório de Sevilha” (magnífico verso feito só com nomes próprios!)... Segismundo. Personagens literárias inventadas em castelhano, em alemão, em inglês... (Jorge de Sena e a literatura-mundo do seu e nosso Goethe). E por quê e em quê eram ou estavam errados os livros que haviam lido? Fico a pensar e não encontro resposta.

O livro que se lê é errado, mas não há outros que se nos abram, diz o poeta. Não haverá? “Livros errados” e “lugares de acaso”. E todos nós “personagens no grão-teatro”. Resisto a tamanha disforia. Para dizer este desconcerto do mundo, a solidão, o lugar de onde não há como escapar e que só em palavras do seu Camões se pode representar, repete-lhe Jorge de Sena o verso – “Junto de um seco, fero, estéril monte”. Quero continuar a resistir a este desassossego existencial, angústia, solidão sem alívio que o poema me quer impor. Pela força das palavras, das imagens e dos sujeitos convocados.

Volto ao título. E penso que me posso distrair com um exercício filológico. “Do Maneirismo ao Barroco”. Do...ao? E descubro como, por primeira vez, este “do...ao” me embaraça e se me aprofunda o desconcerto. Desde o maneirismo até ao barroco? Uma perspectiva temporal, pois, cronológica até, mesmo se não apresentada linearmente, que poderia ir da irremediável solidão de Camões à também irremediável vida como “sueño”, sono e sonho de Calderón e também, já antes, como teatro em Shakespeare e no seu aqui invocado príncipe. Da...à? E Fedra bem lá atrás? E Fausto? De Marlowe mas também do romantismo. E recorde: personagens criadas pelo Barroco todos eles, é certo, e todos eles reinventados pelo Romantismo. Ponho esta hipótese mas não me satisfaz. Ou sim, pode ser, mas pode haver mais.

Procuro outra hipótese, pois. “Do Maneirismo ao Barroco”. Tanto o Maneirismo como o Barroco? Um e outro cúmplices ou convergentes na criação dessas personagens que, ao juntarem-se os dois aparentemente

contrários em que, textual, narrativa e dramaticamente se entretecem, duplos em essência, dão origem a um terceiro, e neste se constituem, por fim, como sujeitos. “Don Quixote Pança”. E por quê “impossível” o sonho? E por que teremos de ser, ou não ser, “personagens/ no grão – teatro aonde tudo acaba/ em Segismundo ou Fedra antes que o pano caia/ sobre a leitura dos errados livros”? E que mais me não é dado ler? Ou que me é dado sentir mas não posso ou quero dizer? Também eu, leitora de “livros errados”? Livros ou livro? Ou, até só e apenas, “num lugar de acaso,/ exactamente aquele que nos gera”, como afirma o Poeta?

Era 30 de Dezembro de 1972. Dois poemas antes, duas semanas antes, andava Jorge de Sena por terras castelhanas com lírico nome, conventos medievais e recordações da católica Isabel e do agostinho Frade: Madrigal de las Altas Torres. Não longe de Ávila. Ao terminar o ano, falava-nos do teatro da vida e da morte. Como se o fogo místico de Teresa e Juan não tivessem contagiado o Poeta de uma qualquer réstia de esperança. Não importa saber que dia é hoje. Nem o lugar. Até que o pano caia haveremos de ler um livro errado?

* Professora aposentada, é investigadora integrada do CHAM – Centro de Humanidades/ Centre for the Humanities, FCSH/Universidade NOVA de Lisboa. Sua fundadora, coordenou o grupo Cultura, história e pensamento ibéricos e ibero-americanos. É Socio de Honor da Asociación de Cervantistas e *Miembro Correspondiente Extranjero* da Real Academia Española.